

MENINAS E CRIMINALIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO CENTRO DE REEDUCAÇÃO SOCIAL SÃO JERÔNIMO (CRSSJ)

GIRLS AND CRIMINALITY: A CASE STUDY ABOUT THE RE-EDUCATION CENTER SÃO JERÔNIMO

Ana Flávia Arruda Lanna Barreto¹

Resumo

Este artigo trata de um estudo de caso acerca da criminalidade de adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas de internação no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ) em Belo Horizonte, Minas Gerais. É descrita a história da unidade, sua estrutura, seus principais objetivos, rotina de atividades e funções do corpo técnico e administrativo. Além disso, são analisadas as dificuldades enfrentadas na unidade socioeducativa, conceitos de violência, principais valores das adolescentes. O estudo sobre a realidade observada nos possibilitou conhecer, mesmo que parcialmente, o universo moral e social das adolescentes em conflito com a lei, seus medos, expectativas e modos de vida que refletem a violência por elas praticada e vivenciada. Percebe-se, a partir da análise de dados qualitativos e quantitativos recolhidos em pesquisa empírica, que as adolescentes são submetidas ao uso indiscriminado da violência, a ausência de mecanismos de sociabilidade e identidade social, a inexistência de valores humanísticos norteadores da formação humana. Essas condições têm levado à ocorrência de ações arbitrárias e criminosas capazes de romper com o humano e valorizar a violência como instrumento de poder, dominação e exclusão.

Palavras-chave: Criminalidade. Barbárie. Adolescentes. Unidades socioeducativas. Reintegração social.

Abstract

This article is a case study about the crime of adolescents who underwent socio-educational measures of hospitalization at the São Jerônimo Social Re-education Center (CRSSJ) in Belo

¹ Pós-doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais na área Memória e História, com ênfase no período das ditaduras militares dos países do Cone Sul na América Latina e do Brasil. Professora Adjunta do Curso de Direito do Centro Universitário UMA. E-mail: annaflav@prof.una.br

Horizonte, Minas Gerais. It describes the history of the unit, its structure, its main objectives, routine activities and functions of the technical and administrative staff. In addition, the difficulties faced in the socio-educational unit, concepts of violence, and adolescents main values are analyzed. The study of the observed reality allowed us to know, even partially, the moral and social universe of adolescents in conflict with the law, their fears, expectations and ways of life that reflect the violence they practiced and experienced. It can be seen, from the analysis of qualitative and quantitative data collected in empirical research, that adolescents are subjected to the indiscriminate use of violence, the absence of mechanisms of sociability and social identity, the absence of humanistic values guiding human formation. These conditions have led to the occurrence of arbitrary and criminal actions capable of breaking with the human and valuing violence as an instrument of power, domination and exclusion.

Keywords: Criminality. Barbarism. Adolescents. Socio-educational units. Social reintegration.

INTRODUÇÃO

“A minha consciência é a minha alma/ a letra do meu rap é a minha bala/ quando eu abro a boca estou puxando um gatilho/ e quando sai minha voz estou dando um tiro”².

“Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui lhe cambaleia baleado. Dito por bocas sem dentes e olhares cariados, nos conchavos de becros, nas decisões de morte. A areia move-se nos fundos dos mares. A ausência de sol escurece mesmo as matas. O líquido-morango do sorvete mela as mãos. A palavra nasce no pensamento, desprende-se dos lábios adquirindo alma nos ouvidos, e às vezes essa magia sonora não salta à boca porque é engolida a seco. Massacrada no estômago com arroz e feijão a quase palavra é defecada ao invés de falada. Falha a fala. Fala a bala”³.

As citações acima destacam a importância da ação comunicativa nas relações humanas, ora na promoção de um novo homem, através da mobilização de grupos e assimilação de novas ideias, ora na exclusão da novidade, quando a palavra perde o poder da fala e a violência fala. Ambos os trechos são exemplos de formas figurativas de comunicação entre grupos de raps, de gangues, de movimentos de jovens, de intelectuais e de romancistas que procuram um equilíbrio cultural e social em meio a um naufrágio da criatividade humana, tempestuosamente engolida pelo progresso e pela modernidade.

Nesse ambiente, a busca de uma forma de comunicação que aproxime as pessoas, indo ao encontro de si mesmas, faz com que as culturas urbanas desenvolvam formas alternativas de linguagem. Afinal, o ser humano é conduzido por paixões e desejos que dão significado e sentido as suas ações, as quais são manifestadas sobretudo em sua ação comunicativa. Entretanto, quando a “fala” não consegue encontrar relação entre o pensamento e a ação, tem-se um esgotamento da ação comunicativa como instrumento de aproximação das pessoas. A partir daí a condução das ações humanas poderá ocorrer de forma imprevisível e muitas vezes

² Lobão, ex-integrante de uma gangue e criador de raps. Trecho retirado de: DIÓGENES, Glória. Cartografias da Cultura e da Violência. Gangues, galeras e movimentos hip hop. São Paulo: AnnaBlume Editora, 1998.

³ LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 23.

violenta. Para Arendt (1997), esta situação tem como resultado a perda da política e da palavra como mecanismos de negociação, pois, diante de uma ação violenta, “cala-se a palavra e fala a bala”.

Neste estudo a atenção está direcionada para a unidade de cumprimento de medida socioeducativa que atende as adolescentes do sexo feminino na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais: o Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ). As manifestações da violência criminal das adolescentes cumpridoras de medidas socioeducativas de internação são analisadas dentro do contexto de aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a partir do conceito de barbárie⁴.

O marco cronológico deste estudo se limitará ao período de 1990 a 2010⁵, quando o aumento das manifestações de violência⁶ passou a ser cotidianamente registrado nos meios de comunicação de massa, contribuindo para a elaboração de leis e regulamentos punitivos, culminando na construção de unidades socioeducativas pelo poder público em parceria com instituições particulares. O motivo que nos levou a realização deste estudo surgiu da preocupação de que, apesar do crescente avanço da violência nos centros urbanos, envolvendo sobretudo a participação de adolescentes em conflito com a lei, não se produziu uma análise histórica capaz de reconstituir o processo de ressocialização das adolescentes nos espaços onde esta violência se manifesta, reproduz e reincide: as unidades socioeducativas. Segundo Foucault (1987, p. 221), a prisão, local de execução da pena, é ao mesmo tempo um local para observação dos indivíduos punidos, possibilitando o conhecimento de cada detento, seu comportamento, suas disposições profundas e sua progressiva melhora. Sendo assim, as prisões devem ser concebidas como um local de formação de um saber clínico sobre os condenados. A partir desta opção teórica, as unidades socioeducativas de Belo Horizonte foram consideradas como um dos espaços propícios para a realização da pesquisa. Como não nos é possível realizar

⁴ Entende-se por *barbárie* como sendo o rompimento dos seres humanos com os valores que os identificam com a tradição política ocidental, ou seja, da vida, da liberdade e da propriedade. Nessa perda de identidade, ocorre uma ruptura entre o agir e o pensar, onde o homem se encontra perdido na multidão, sem justificativas para uma ação racional. Nesse momento abre-se o espaço para a manifestação da violência como instrumento de ação e de poder de um homem sobre outro homem, ou sobre um contingente humano.

⁵ O marco cronológico escolhido foi o período de 1990, quando foi instituído o Estatuto da Criança e do Adolescente, até o ano de 2010, quando foram recolhidos os últimos dados da pesquisa empírica realizada.

⁶ Sobre esse assunto consultar: BOSCHI (1982), PINHEIRO (1983), ZALUAR (1994), VELHO; ALVITO (1996), PAIXÃO (1982), WAISELFSZ (2016), CASTRO, ASSUNÇÃO, DURANTE (2002); BEATO FILHO, ASSUNÇÃO, SANTOS (1997); BEATO FILHO (1998); BEATO FILHO, REIS (2000); BEATO FILHO et al (2001); BEATO FILHO (2001), ZALUAR (1994, 1996,1999).

um diagnóstico prévio dos ambientes “violentos”, devido à peculiaridade própria do sujeito social, optou-se por investigar estes espaços a partir dos locais onde os sujeitos históricos são diagnosticados e declarados como infratores e autores de atos infracionais, ou seja: presídios e unidades socioeducativas. Devido à opção temática de se trabalhar com a violência praticada por adolescentes, os presídios foram excluídos do nosso objeto de pesquisa.

Utilizou-se como fonte documental os relatos contemporâneos: das adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas no período de 2001 a 2005 na instituição analisada e do corpo administrativo da unidade. Esses relatos foram obtidos através de entrevistas orais dentro da unidade socioeducativa. Todos os relatos foram gravados e posteriormente transcritos. Foram realizadas 12 (doze) entrevistas, sendo 6 (seis) com adolescentes internas na unidade socioeducativa e 6 (seis) com servidores da unidade socioeducativa. Visando garantir o sigilo das identidades dos entrevistados, seus nomes foram omitidos. Como fontes documentais foram utilizados relatórios municipais do Juizado da Vara Infracional da Infância e da Juventude de Belo Horizonte; os relatórios estatísticos do Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional de Minas Gerais, os anuários estatísticos policiais e criminais da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais (1995-2003); relatórios e diagnósticos conjunturais da criminalidade desenvolvidos por centros de pesquisas⁷. No roteiro das entrevistas orais, foram abordadas, desde informações pessoais e perguntas sobre opções de vida e profissionais, até questões referentes à violência urbana e as instituições socioeducativas. O critério de seleção dos entrevistados obedeceu às seguintes prioridades: no caso dos adolescentes infratores: a) grau de periculosidade (crimes contra a vida e a integridade física); b) disponibilidade em conceder a entrevista; c) pessoas mais citadas nas entrevistas. No caso do corpo administrativo: a) cargo e função exercidos, b) disponibilidade e interesse em conceder a entrevista, c) pessoas mais citadas nas entrevistas, d) pessoas mais próximas das adolescentes.

A proposta desta pesquisa foi analisar os motivos da opção pela prática infracional, os tipos de infração, o perfil das autoras de atos infracionais e as atividades desenvolvidas dentro da unidade socioeducativa como parte do processo de reeducação social das adolescentes. Com isto, esperamos que este trabalho ofereça uma nova perspectiva sobre os estudos sobre a criminalidade juvenil, no repensar dos nossos valores morais e na redefinição das políticas públicas. Acreditamos que o resgate da história desta realidade e de outras semelhantes é fundamental como contribuição para repensarmos a funcionalidade destas instituições, bem

⁷ Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública – Universidade Federal de Minas Gerais, Núcleo de Estudo de Segurança Pública – Fundação João Pinheiro

como para refletirmos sobre a finalidade de nossas ações, o significado de nossas linguagens na criação de um homem livre e autônomo. Afinal, o “homem vai a sociedade não só para viver, mas para viver bem” (MATOS, 1998, p. 42).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRIMINALIDADE JUVENIL

O Brasil ainda é um país que se destaca pelo seu elevado índice de analfabetismo, pelas altas taxas de mortalidade infantil e pelas suas enormes desigualdades sociais. Apesar de nos anos 1970 e 1980 ter se verificado uma redução dessas taxas e uma melhoria dessas questões sociais (mortalidade infantil, mortalidade da população, condições sanitárias, escolaridade), essa realidade não coincidiu com a redução do número da criminalidade. Ao contrário, mesmo com o controle da inflação nos anos 1990 e a expressiva melhoria na distribuição de renda no mesmo período, o aumento do desemprego e das taxas de violência urbana questiona a eficácia dos projetos sociais e desafiam as análises estruturais que associam pobreza e criminalidade.

O desenvolvimento tecnológico, a globalização dos meios de informação e consumo e o crescente investimento no crescimento econômico do país resultaram em um Brasil com redução dos índices de mortalidade infantil e analfabetismo, com aumento do acesso às informações e produtos. Contudo, ao lado dessa realidade, a busca do crescimento econômico encontra entrave no progressivo aumento da violência aliada a banalização do mal e as devastadoras desigualdades sociais. Estas são vistas como “acidentes de percurso” ou “efeitos colaterais” do processo de globalização, progresso e modernidade (MATOS, 1998, p. 92-93).

Uma das teorias mais comuns para a prática da violência, com destaque para os crimes violentos⁸, é a associação da criminalidade à pobreza. Nessa explicação as análises oscilam entre a “visão da favela como um meio social desregrado ou imoral até a denúncia dos baixos níveis dos salários e do desemprego hoje” (ZALUAR, 1994, p. 100). Os anos de estabilização econômica não coincidiram com a redução dos índices de criminalidade. A relação entre pobreza e crime supõe que o delito ocorre devido à incapacidade em adquirir o objeto de desejo, em função da privação econômica. O espelho que se constrói das populações dos morros e favela é:

pobre, criminoso, perigoso. Por meio dele cria-se a ilusão do irrecuperável, do inútil, do nocivo socialmente, que tem que ser contido através da manutenção de um aparato policial sempre presente, vigilante, rápido e implacável na reafirmação dos limites rígidos e

⁸ Estes crimes se destacam pelo seu alto poder ofensivo e pelos reflexos negativos para a população, são eles: homicídio consumado, tentativa de homicídio, assalto consumado, assalto à mão armada, tentativa de estupro, estupro consumado, sequestro e cárcere privado, latrocínio e extorsão mediante sequestro.

fechados impostos às classes populares urbanas no Brasil de hoje (ZALUAR, 1983, p. 276).

Nesse sentido, torna-se fundamental analisar a criminalidade a partir, também, das circunstâncias que facilitam o delito (COHEN; FELSON, 1993). Buscar entender este fenômeno, em pleno início do século XXI, apresenta-se como um dos principais desafios não só para os governantes, como também para a sociedade em geral. Muitos são os estudos acadêmicos e científicos que abordam este tema.

Os estudos geralmente se estruturam em dois níveis: na relação entre poder/dominação/classe como centro do fenômeno da violência e na interpretação da ação violenta como acontecimento que ocorre fora do corpo social, sob o estigma de marginalidade ou desvio.

Esses estudos têm como foco as relações de dominação e de poder de uma classe sobre as outras (os “ricos” sobre os “pobres”), onde se estabelece uma subserviência pública dos segundos sobre os primeiros em virtude das disparidades econômicas, sociais e culturais. Por outro lado, entre os dominados cria-se um código de ética específico que utiliza a violência para usurpar a ordem estabelecida e ameaçar o poder das elites. A violência criminal passa a ser utilizada como instrumento de dominação e poder dos homens sobre outros homens, mas também da derrubada desse poder e da instalação de uma outra relação de dominação.

Assim como o poder, a violência não apenas diz ‘não’, mas evidencia demandas sociais de reconhecimento de diferenças, formação de redes de sociabilidade e de ‘micro poderes’ de práticas de ‘solidariedade fechada’, deixando muitas vezes, atrás de si, marcas de sangue e lágrimas (DIÓGENES, 1988, p.89).

Outra proposta de análise da violência criminal é a sua associação como uma atividade que se torna específica das classes marginalizadas e pobres. Nessa interpretação, o estigma de criminoso e bandido é atribuído às determinadas classes sociais. Trata-se de uma análise interpretativa excludente que, ao discriminar e segregar setores específicos da sociedade, delimita-se um universo de relações sociais pertencentes a um mundo “moralmente aceito como ético”. A partir de então, cria-se um conjunto de regras e valores que padronizam os comportamentos sociais e fazem da violência o espelho de uma “subcultura” que, por ser marginalizada, ameaça o mundo da ordem instituída. Nessa interpretação, a ética do trabalho estabelece o limiar do cenário da marginalidade e da criminalidade social.

A configuração espacial da cidade – lugar por excelência das novas relações sociais de produção em que o assalariamento substitui a escravidão com base no princípio da ‘igualdade’ entre os indivíduos – desenha a nova dimensão da desigualdade social: criam-se espaços diferentes para classes desiguais (CUNHA, 1986, p. 32).

Com o crescimento dos centros urbanos, do comércio e das indústrias, a população trabalhadora pobre foi empurrada para as periferias das capitais, onde organizaram um estilo de vida próprio. Afastadas do centro da cidade e destituídas de moradias adequadas, de saneamento básico e de escolas de qualidade, esses setores sociais desenvolveram estratégias específicas de sobrevivência que extrapolaram os canais institucionais: a economia informal e a economia ilegal.

Contudo, a saída da economia informal e a entrada no mundo do crime podem possuir razões que vão além das necessidades de sobrevivência. Nesse caso, o envolvimento na economia ilegal adquiriu um significado de enriquecimento rápido e fácil, de obtenção de poder e respeito, e sobretudo, de oposição à ética do trabalho: aquela que valoriza o trabalho árduo e honesto.

No Brasil a ideia de desvio vem associada à ideia de marginalidade. Este termo passou a ser utilizado com maior frequência após a Segunda Guerra Mundial, quando se verificou um significativo aumento da urbanização. Os imigrantes urbanos se estabeleciam nas periferias dos grandes centros devido ao baixo valor imobiliário daquelas áreas. Ao se afastarem do epicentro comercial e social urbano, eles levavam consigo as condições subumanas as quais eram obrigados a sobreviver: ruas sem saneamento básico, sem calçamento, sujas, compostas de barros e casas comerciais clandestinas, cheias de doenças e desempregados.

Nesse cenário foi construído o estigma social que marcaria, por décadas, os elementos de identificação dessas regiões: a criminalidade, a marginalidade e a desonestidade. “Vai ocorrer uma ‘criminalização da pobreza’, ou seja, falar de morador da favela vai ter o mesmo sentido de se apontar os setores considerados perigosos na sociedade” (DIÓGENES, 1998, p. 84). O comportamento violento passa a ser tratado como uma referência negativa que se projeta do outro lado da ordem: da contravenção, do tráfico de entorpecentes, do contrabando, da economia informal. No final dos anos 1980, os chamados “elementos suspeitos”, descem os morros e rompem com as barreiras que demarcam a cidade da ordem e a cidade da desordem. Tem-se o início do pesadelo urbano: os “parias” saem do isolamento e invadem as escolas, as casas e os condomínios fechados. Ninguém e nenhum lugar são mais seguros.

O argumento sociológico central sustenta que processos rápidos de industrialização e urbanização provocam fortes movimentos migratórios, concentrando amplas massas nas periferias dos grandes centros urbanos. Sob condições de extrema pobreza e desorganização social, essas pessoas são expostas as aspirações sociais que não coincidem com as alternativas

institucionais de satisfação das expectativas que lhe são apresentadas: subempregos, baixos salários, assistência médica insuficiente e níveis educacionais de baixa qualidade⁹.

Pensar a dinâmica da criminalidade dos adolescentes nos tempos atuais requer uma reflexão sobre os valores, crenças e parâmetros que orientam as ações dos jovens infratores. É preciso ir além da análise da infração cometida e tentar interpretar o agressor: seu passado, sua história de vida, seus valores, medos e ansiedades, seu mundo. Sobre esse aspecto, as unidades socioeducativas devem ir além do local do cumprimento da medida socioeducativa. Essas unidades, ao mesmo tempo em que funcionam como locais de privação da liberdade e de responsabilização do indivíduo infrator, elas funcionam como local de observação e análise dos sujeitos. A adoção de uma postura cognitiva com relação aos internos nas unidades socioeducativas propicia o conhecimento de seus comportamentos, de suas histórias e de sua transformação social. Segundo Foucault (1987, p. 221) esse posicionamento implica em dois dispositivos essenciais: “é preciso que o prisioneiro possa ser mantido sob um olhar permanente; é preciso que sejam registradas e contabilizadas todas as anotações que se possa tomar sobre eles”.

Ao analisarmos as histórias de vida das autoras de atos infracionais verificamos que o desejo de consumo está entre os principais motivos que levam as adolescentes a cometerem um ato infracional.

Tipo assim, nós adolescentes, a gente vê um filme assim, esse ator aí tem de tudo, vai na festa, e tal. E a gente queria ser assim e tal, e ter um dinheiro para ir para festa, zoar e tal. E a gente não tem uma renda fixa, por isso que a gente gosta de zoar e tal. E tem as coisas de descobrir o mundo que quando a gente era criança não podia.¹⁰

No depoimento a adolescente relata a influência dos programas exibidos na televisão na formação de seus valores e desejos. A vida fictícia exibida nos meios de comunicação cria valores, conceitos e referências de comportamento, vestuário, diversão e estilos de vida que passam a ser vislumbrados entre aquelas pessoas mais destituídas da capacidade de alcançá-los. Vivemos em uma sociedade que constantemente convida as pessoas a consumirem e a se tornarem diferentes umas das outras pela ação de consumir, pelo valor agregado que o objeto de consumo possui. Contudo, o enorme vácuo resultante da distância entre o objeto de desejo e a capacidade de suprir esse desejo cria um nível de insatisfação e revolta nas pessoas cada vez mais predispostas e obstinadas a conquistar o seu sonho consumista. Na ausência de

⁹ Sobre este assunto consultar: PINHEIRO (1983), BOSCHI (1982), CUNHA (1986), FAUSTO (1983), RAGO (1985).

¹⁰ Depoimento de adolescente infratora interna no CRSSJ.

mecanismos legais capazes de garantir o sucesso dessa aventura, as pessoas partem para ações informais e ilegais capazes de propiciar a conquista do consumo desejado (BAUMAN, 1999).

Sobre esse ponto de vista, o termo violência passa a se referir a vários tipos de agressão física, moral e cultural. Violência é a ausência de oportunidades que propicie o exercício da cidadania plena, é o desrespeito pelo outro, é a omissão e a privação dos direitos à uma vida digna, é a agressão física, o homicídio, a criminalidade. Os depoimentos que se seguem esclarecem esse conceito.

Olha, violência não é só matar, não é só agredir fisicamente outra pessoa, violência também é a gente deixar as pessoas não exercerem os direitos delas também, porque muitas pessoas estão convivendo aí só com o dever, mas o direito mesmo zero¹¹.

Eu acho que a violência é muito mais que isso, é a privação também. Eu acho que privar as pessoas de ter uma vida digna e elas também se privam¹².

Eu acho que violência é toda vez que uma pessoa é lesada nos seus direitos, você sofre muita violência, e às vezes tem a violência moral, a violência mais sutil que passa batido¹³.

Os relatos apresentados definem violência como agressão dos direitos humanos e de cidadania, tendo sua integridade física e moral ameaçada. Para o corpo técnico da unidade socioeducativa a violência está relacionada a violação dos direitos sociais e humanos. Já para as adolescentes autoras de atos infracionais, internas no CRSSJ, violência tem a ver com agressão ou ameaça à integridade física da pessoa. Os relatos que se seguem são elucidativos dessa noção de violência.

Tiro, briga, pancada, só. É dar tipo, agredir verbalmente, fisicamente o ser humano entendeu, isso, agredir é violência.

Você querer a coisa e não poder, você quer aquilo ali e não tem condição. Você parte para a agressão e a droga também deixa a pessoa agressiva. A pessoa que agride a outra sem motivo¹⁴.

Para a maioria dos entrevistados, a violência em Belo Horizonte tem aumentado significativamente nos últimos anos. Entre as razões que propiciam esse crescimento da criminalidade destacam-se: o consumo de drogas e entorpecentes, a desigualdade econômica e social, a desestruturação familiar educacional. Os depoimentos que se seguem esclarecem esses motivos.

Então assim, é uma sequência de segregações e que a pessoa não consegue ter uma direção e acaba caindo nesse lado da violência mesmo.

¹¹ Agente socioeducativo do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

¹² Psicóloga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

¹³ Terapeuta ocupacional do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

¹⁴ Depoimentos de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Eu nem diria uma revolta, mas é um troco, digamos assim, uma resposta encontrada¹⁵.

Agora eu acho que a violência ela tem sido provocada por uma desestruturação da família. Eu acho que a família é uma instituição que está meio assim falha sabe, e falha porque as pessoas estão formando família de uma hora para outra e inclusive nossas adolescentes que estão formando família e as crianças estão abandonadas mesmo. Eu acho que começa daí a violência, crianças muito novas ficando sozinhas em casa, uma coisa que a gente não via antes. Aquele cuidado com a criança, hoje em dia não tem, e eu acho até demagogia a gente falar, mas eu acho que vem de uma coisa que é lá de baixo mesmo, a questão da família mesmo¹⁶.

O mundo de hoje é muito voltado ao aumento da violência. A falta de igualdade social, falta de emprego, falta de moradia, falta de educação, falta de respeito, muita coisa. Porque eu acho que vamos supor, por exemplo, a desigualdade social, tem a violência porque outros tem demais e outros não tem muito.¹⁷

Desses motivos, os principais ambientes que favorecem a ocorrência da criminalidade na opinião dos entrevistados são os conglomerados ou favelas, devido ao tráfico de drogas e à dificuldade de acesso da força policial, onde a ausência de segurança facilita a ocorrência do delito. Vale ressaltar que essas opiniões reforçam as teorias sobre criminalidade desenvolvidas por Cohen e Felson (1993) e por Paixão (1982, 1983, 1996).

O aumento da criminalidade urbana nas últimas décadas, além de sustentar uma complexa rede de empregos que vão desde os empregados das firmas de segurança privada até o delegado, promotor público e juiz criminal, intensifica uma cultura do medo que esconde e omite outras inseguranças: o desemprego, a queda do poder aquisitivo, a pauperização social, a crise econômica, a desestruturação amorosa e a ausência de um “porto seguro”. Durante o processo de ameaça à vida, a vítima se sente insegura e incapaz, transferindo para aquele momento todos os seus demais anseios. O reflexo dessa situação é a perpetuação da insegurança durante todos os dias da vida das vítimas. Afinal, apesar daquela experiência ter sido momentânea, os motivos, causas e instrumentos que favoreceram sua ocorrência permanecem inalterados, assim como a insegurança por eles gerados.

Se para a sociedade civil os principais agressores são os denominados marginais, criminosos, delinquentes ou infratores, para as adolescentes infratoras, a polícia é principal agressora. A instituição policial é vista como portadora de pessoas cujo objetivo é humilhar, agredir e abusar dos marginais e criminosos. Para as adolescentes entrevistadas a intenção dos

¹⁵ Psicóloga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

¹⁶ Terapeuta ocupacional do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

¹⁷ Depoimento de adolescente interna no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

policiais é mostrar poder através do abuso de autoridade, corrupção e uso da força. Os depoimentos que se seguem são elucidativos da opinião das adolescentes.

Eu vou te falar, a polícia é um bando de safado, porque tem muito polícia aí, com qualquer droga na mão é tudo safado, tanto civil quanto PM, tudo safado. Eu já vi polícia com 20 armas ou então eles pegam fulano com droga aí, me dá tanto aí olha, dá tanto aí veio. Eu conheço muito policial que cheira cocaína, fica com a cocaína para eles. Eu conheço muito. Essas polícias de hoje em dia não prestam não. Uma porção de policial já pegou amigo meu sabe, tem policial no meu bairro que ele fuma assim, acende o cigarro e fuma com nós, entendeu. Isso eu acho a maior “paia” entendeu. Eles fazem isso e é o jogo dele, mas os outros tem medo de falar, porque para eles é o quê, está consumindo uma palha.¹⁸

A condenação da ação policial se estende para corrupção presente no meio judicial, tornando as leis instrumentos de manipulação e perversão da sociedade. A justiça torna-se cada vez mais injusta e tendenciosa, contribuindo para aumentar a situação de discriminação e marginalização social. As críticas ao Estatuto da Criança e do Adolescente são um reflexo dessa situação. Uma crítica ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz respeito a não existência de qualificação da pena. O artigo 121 do Estatuto determina sobre a medida de internação, observando a condição especial do adolescente como um ser em desenvolvimento. A lei garante ao adolescente um tratamento diferenciado do adulto no caso de cumprimento de sentenças atribuindo-lhes responsabilidades pelos atos cometidos. Contudo, nos parágrafos terceiro e quinto desse artigo, o Estatuto determina um prazo máximo para cumprimento da internação pelo adolescente independente da infração cometida. Sobre esse aspecto, o ECA recebe variadas críticas dos entrevistados. A principal delas refere-se à aplicação diferenciada de penas e tempo de internação de acordo com a infração cometida.

Eu acho assim, que o ECA ele é embasado nas características do desenvolvimento normal do adolescente, porque o tempo de medida, é pequeno. Se a gente for compreender a necessidade, a urgência do adolescente e a dificuldade, e a compreensão da identidade dele, a gente vai ter que ver uma semana para gente é um ano para ele e dentro do que é possível para está com ele, em termos assim de aquisição de conhecimento que existe uma praticidade mesmo. É uma personalidade a ser mudada, eu acho que o tempo é insuficiente. Agora o ECA, a sugestão que eu tenho é assim, no que é referente as medidas socioeducativas, ele é pouco explicativo, então dá margem de pouco entendimento, é subjetivo sabe, eu acho que isso, que tem coisas que a gente fica aqui dentro, tipo assim, tem no nosso regimento, mas o ECA poderia dar um auxílio para nós sobre isso, das obrigações, mais em termos de esclarecimentos da medida. Porque, por exemplo, está assim, medidas socioeducativas, aí falam alguns critérios, mas não envolve tudo, as situações, as principais necessidades, e o que ocorre aqui, então fica

¹⁸ Depoimentos de adolescentes internadas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

muito subjetivo. Por exemplo, assim, não tem, se a menina matou fica tanto tempo, se ela roubou fica tanto tempo, então está no subjetivo e aí a equipe avalia de acordo com nossos critérios. Se ela matou ou se ela furtou não há uma definição do tempo de internação. Se ela cometeu 10 homicídios depois de 21 anos ela está liberada, no máximo, é injusto¹⁹.

No depoimento podemos observar uma condenação dos entrevistados com relação a aplicação de um prazo semelhante de internação para os vários tipos de infrações. Na opinião dos entrevistados o prazo máximo de internação estipulado pelo Estatuto deveria ser revisto, assim como deveria ser repensada a existência de graduações nas penas conforme a infração cometida. Para o corpo técnico e administrativo, as adolescentes conhecem e se utilizam desse prazo de internação garantido pelo Estatuto, o que compromete o seu processo de reeducação social e a responsabilização dos verdadeiros responsáveis pelo crime cometido. As falas que se seguem subsidiam essa informação.

Tipo assim, se nós rodássemos, eu que era de menor, eu segurasse, mas eu não ia pensar que eles iam me mandar para cá. Porque é tudo de maior, e só eu de menor. Tipo assim, porque eles iam presos, e se eu segurasse, falava não era eu porque, igual se assaltasse assim no caso, eu ficava com o dinheiro, se a polícia vinha, eu estava segurando. Porque eu não pensava que eu ia vir presa, eu sabia que eu ia para delegacia e depois de uma hora eu já estava solta de novo. Porque todas as vezes era assim²⁰

Nesse depoimento, a adolescente faz referência a um comportamento adotado entre seus companheiros quando apreendidos pela polícia durante a realização de uma infração. Nesse relato podemos perceber que a entrevistada tem consciência do tratamento diferenciado que recebe por ser adolescente. Segundo Foucault (1987, p. 218),

A pena deve ser individualizada, não é a partir do indivíduo –infrator, sujeito jurídico de seu ato, autor responsável do delito, mas a partir do indivíduo punido, objeto de uma matéria controlada de transformação, o indivíduo em detenção inserido no aparelho carcerário, modificado por este ou a ele reagindo.

A unidade socioeducativa, construída para ser um local de responsabilização do ato infracional, torna-se também um ambiente de observação dos indivíduos cumpridores das medidas socioeducativas. A incapacidade dessas unidades em reduzir a reincidência infracional e em manter a ordem social, nos faz questionar a eficácia dessas instituições no processo de reintegração social das adolescentes infratoras. A unidade socioeducativa é julgada e condenada pela sociedade civil sem uma leitura ou um conhecimento de sua história ou das circunstâncias que levam ao cometimento das infrações. Contudo, como se não pode eliminar a

¹⁹ Terapeuta ocupacional do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

²⁰ Depoimento de adolescente interna no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

sua existência, pois a sociedade civil não consegue se livrar de seu “lado negro”, as unidades socioeducativas e prisionais continuam sendo a detestável solução da qual não se pode abrir mão.

O CENTRO DE REEDUCAÇÃO SOCIAL SÃO JERÔNIMO (CRSSJ)

O Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ) é a primeira unidade socioeducativa feminina para adolescentes de Minas Gerais. Foi inaugurado no dia 27 de junho de 2000, pela Secretaria da Justiça e Direitos Humanos. Esta unidade destina-se ao acautelamento provisório de adolescentes a quem se atribui à autoria de ato infracional e àquelas que permanecem internadas, após o devido processo legal. A unidade tem uma área construída de 1210 m² e tem capacidade para abrigar trinta adolescentes, sendo que 30% é reservado para medida provisória e 70% para internação. Esta unidade está localizada na rua Santo Agostinho, número 1361, bairro Horto, na cidade de Belo Horizonte. No dia 29 de junho, com a estrutura orgânica ainda incompleta, a unidade recebeu sua primeira adolescente.

De acordo com o boletim informativo do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ), a unidade tem como meta a ação educativa pautada em uma filosofia baseada no respeito, na elevação da autoestima, na criação de um projeto de vida, no respeito às normas, limites e resgate da dignidade da adolescente em conflito com a lei. O CRSSJ desenvolve também atividades de orientação e apoio às famílias das adolescentes como parte integrante da metodologia da unidade, que segue os princípios da “comunicação educativa”, do “protagonismo juvenil” e da “pedagogia da presença”. O objetivo dessa proposta é trabalhar o cooperativismo, a autonomia e o discernimento das adolescentes, contribuindo para a promoção da formação de seu espírito de cidadania e solidariedade.

O tempo todo, a gente adota a filosofia que chama pedagogia da presença, na qual o educador é exemplo e tem que ser exemplo. Por exemplo, ela (a adolescente) tem que ficar de sutiã o dia inteiro, e eu não venho trabalhar sem sutiã, entendeu. Eu não grito com elas, então elas não podem gritar comigo. Então eu falo assim, “por que você tá gritando, eu estou gritando com você?” O educador tem a postura assim de tentar reverter um assunto para um lado mais positivo, escutar a adolescente, tentar conversar, convencê-la ²¹.

A acolhida das adolescentes no CRSSJ segue os seguintes passos: acolhimento da adolescente, admissão e realização da primeira entrevista, realização dos primeiros

²¹ Terapeuta Ocupacional do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

atendimentos interdisciplinares, visando um diagnóstico multidimensional, realização de um plano individual de atendimento pelos técnicos, realização do acompanhamento interdisciplinar, discussão de casos sistemáticos, desligamento e acompanhamento da egressa.

No primeiro momento da chegada da adolescente na unidade ocorre a conferência da sua documentação e guarda de seus pertences, encaminhamento para a higiene, refeição e atendimento técnico. Posteriormente são realizados exames médicos e a acomodação no alojamento. Em seguida, ocorre o acolhimento da adolescente pela equipe técnica procurando interpretar e esclarecer a medida socioeducativa e a unidade de internação. Em seguida é feita a integração da adolescente na unidade, onde são apresentados a rotina diária da unidade, os grupos e atividades pedagógicas e o regimento interno.

A segunda fase do processo de implantação da metodologia de reintegração social das adolescentes ocorre com um estudo de caso realizado pela equipe técnica de cada adolescente. Nesta fase, são designados profissionais de referência para cada caso. É realizado um levantamento do contexto social e familiar da adolescente e dos dados sobre as práticas infracionais cometidas. Na terceira fase é desenvolvido um plano personalizado de atendimento para as ingressantes e o monitoramento das atividades realizadas durante o período de cumprimento da medida socioeducativa de internação. Finalmente, ocorre o preparo da adolescente para o desligamento da unidade. Nesta fase, são realizadas atividades externas à unidade, formação de grupos de amizade e fortalecimento das relações familiares.

A especificidade do trabalho realizado nessa unidade socioeducativa está na ausência de rotina e na imprevisibilidade das atividades desenvolvidas com as adolescentes.

Olha, o nosso público muda muito. No início a gente tinha meninas mais agressivas, mesmo porque era o único centro. Primeiro elas nunca achavam que iam ser presas. Aí quando elas vinham para cá e sabiam que elas iam ser presas, elas ficavam um bicho aqui dentro. Então assim, para gente adestrar esse lobo, 24 horas por dia, era muito difícil. Então elas eram muito agressivas, elas quebravam tudo, era guerra de fezes, era guerra de água de vasos, elas quebravam as camas de alvenaria e jogavam pedras nos educadores²².

Nesse depoimento a diretora da unidade relata as dificuldades iniciais vividas pelos funcionários nos primeiros anos de funcionamento do Centro. A maior parte das dificuldades derivava da insatisfação das adolescentes com a situação de internas e de privação da liberdade. Até o ano de 2000, não existia na cidade de Belo Horizonte, uma unidade de internação pública capaz de atender as adolescentes do sexo feminino cumpridoras de medidas

²² Diretora e Assistente Social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

socioeducativas de internação de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Sendo assim, a internação das adolescentes era complicada e de difícil solução, tendente a não efetuação.

A maioria das adolescentes entrevistadas tinha uma ocupação, mesmo que informal, antes de sua primeira internação, mesmo as adolescentes com trajetória de vida iniciada prematuramente. A maioria das ocupações consistia em babás, arrumadeira, serviços gerais, faxineira e manicure. As falas que seguem subsidiam essa informação.

Fiz serviços gerais para uma empresa por pouco tempo, eu estava só ocupando um espaço de uma outra pessoa que estava de licença e que ela estava com problemas. Ela foi no médico e tal e eu fiquei ocupando o emprego dela enquanto ela estava lá. Já fui secretária, e eu já fiz de tudo um pouquinho eu acho.

Eu fazia manicure. Eu faço a unha das meninas aí. Eu aprendi a fazer unha. E de vez em quando eu lavava roupa para minha tia para ganhar um dinheiro, passava roupa. Ajudava, ela chegava do serviço, a casa estava arrumadinha, tudo arrumado, tudo lavado, eu podia mexer com a minha droga o tanto que fosse, só que as minhas obrigações estavam tudo em dia.

Eu estudava, eu morava com a minha tia, fazia altas coisas, ajudava a minha família num salão, meu pai tem um salão de cabeleireiro, minha mãe trabalhava lá, nessa época eu estava certa com a minha mãe, ficava ajudando o meu padrinho²³.

PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Procurando seguir as exigências do Estatuto da Criança e do Adolescente e respeitar a peculiaridade do público atendido na instituição, o corpo técnico e administrativo do CRSSJ desenvolveu uma rotina de atividades que tem como principal objetivo realizar práticas pedagógicas que incentivem a adolescente para o exercício da cidadania, procurando promover relações participativas e solidárias. Durante as atividades são trabalhadas noções de higiene, autoestima, perseverança e o desenvolvimento da criatividade.

O objetivo principal dessas atividades além de ressocializar, é desenvolver mesmo a criatividade, a perseverança, a autoestima²⁴.

Todas têm cunho pedagógico, por exemplo, tem salão de beleza? Tem. Para quê? A pessoa para ir lá aprender a fazer uma escova? Não. É para ela saber que a higiene é importante e se ela não tiver as unhas sujas, ela evita bactérias, então existe o cunho pedagógico e é por isso que eu te falei da importância desse projeto político²⁵.

²³ Depoimentos de adolescentes infratoras internas no CRSSJ.

²⁴ Pedagoga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

²⁵ Diretora e assistente social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Além do desenvolvimento da autoestima e do respeito pelo outro, as atividades procuram trabalhar o aspecto do trabalho e da profissionalização com as adolescentes. A remuneração do trabalho realizado pelas internas na unidade socioeducativa, durante as oficinas de artesanato, tem um objetivo moral e educacional, procurando promover uma transformação social e ética nas internas: de adolescentes autoras de atos infracionais para trabalhadoras dóceis. Segundo Foucault (1987, p. 217),

É nesse ponto que intervém a utilidade de uma retribuição pelo trabalho penal; ela impõe ao detento a forma moral do salário como condição de sua existência. O salário faz com que se adquira amor e hábito ao trabalho; dá aos malfeitores que ignoram a diferença entre o meu e o teu, o sentido de propriedade – daquela que se ganhou com o suor do seu rosto; ensina-lhes também, a eles que viveram na dissipação, o que é a previdência, a poupança, o cálculo do futuro; enfim, propondo uma medida do trabalho feito, permite avaliar quantitativamente o zelo do detento e os progressos de sua regeneração.

Nesse sentido, a remuneração do trabalho prestado pelas adolescentes internas no CRSSJ vai além de uma retribuição financeira. Em função dela, as internas passam a se interessar mais pelas atividades das oficinas profissionalizantes, buscando ser criativas, originais e produtivas. O dinheiro conseguido nessas atividades possui um significado diferente do dinheiro conquistado no mundo do crime. Enquanto que o dinheiro “tomado” ou “roubado” acaba rápido, o dinheiro fruto do trabalho honesto, dura mais, em função da reflexão que se faz em torno dele.

Porque o dinheiro dessa vida, é tipo uma ilusão, uma hora passa e quanto mais você tem seu dinheiro, mais rápido passa. Você não dá valor ao dinheiro que você tem. Agora o dinheiro que você rala, você vai está o máximo com aquele dinheiro, você vai ver o tanto que você se esforçou, e dinheiro roubado não tem valor não.²⁶

As principais atividades desenvolvidas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo são: escolar, profissionalizante, atendimentos técnicos, atividades externas e recreativas. Além disso, elas realizam a limpeza dos seus alojamentos e roupas. Essas atividades são realizadas em horários alternados com os horários da escola formal. As falas que se seguem esclarecem essa rotina de atividades.

De manhã, a 1ª a 4ª que é à tarde. Então aquelas que não vão para a escola, elas se distribuem nas oficinas e nas atividades, e nós temos as oficinas artesanais que confeccionam vários produtos, bijuterias, arranjo florais, pintura. E tem a oficina pedagógica que trabalha com datas comemorativas, com produção de textos, escrever cartas. Tem o salão que é o momento que pode fazer, qualquer menina, pode cuidar do próprio cabelo, se as meninas quiserem elas podem fazer escova. E a

²⁶ Depoimento de adolescente infratora interna no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

lavanderia, elas lavam as roupas distribuídas em escalas, toda adolescente uma vez por semana lava a roupa, a limpeza dos alojamentos no corredor e nas partes que elas usam são feitas por elas²⁷.

O produto do trabalho realizado é vendido nas feiras de artesanato e vinte por cento do recurso arrecado é repassado para a adolescente produtora. A participação das adolescentes nessas atividades depende do comportamento dentro da unidade. Apenas as adolescentes que apresentaram um comportamento condizente com o esperado pela unidade, sem envolvimento em brigas e indisciplinas, participam da feira junto com alguns técnicos.

Durante a realização das entrevistas verificou-se uma preocupação dos entrevistados, sobretudo do corpo técnico e administrativo, em ressaltar os objetivos das atividades desenvolvidas dentro da instituição e dos valores trabalhados com as internas durante a realização dessas atividades, sendo estes condizentes com o interesse de toda a equipe dirigente. Quando questionados sobre os objetivos e valores trabalhados durante realização das atividades diárias, foi comum a semelhança desses com os objetivos da unidade, registrados nos documentos da instituição. Este comportamento também se observou nas falas das adolescentes. Vale lembrar que os depoimentos proferidos pelas internas foram produzidos dentro das “instituições totais”, sendo, na maioria das vezes, observados por um técnico ou funcionário administrativo. Nessa situação, as indisciplinas são penalizadas de acordo com o regulamento disciplinar apresentado para as adolescentes no momento de sua internação na unidade.

Além desse regulamento, as adolescentes estabelecem entre elas normas de comportamento que orientam suas ações e conversas na unidade. As principais regras seguidas pelas adolescentes dentro do Centro de Reeducação Social São Jerônimo são: evitar conflitos, ser humilde, respeitar as visitas das outras adolescentes, limpar o alojamento e o refeitório.

Algumas dessas regras vão além das determinações do regulamento disciplinar da unidade. O “seguro” é uma dessas regras. Trata-se de um isolamento das adolescentes consideradas protegidas do corpo técnico e administrativo. Essas adolescentes são isoladas das demais e devem obediência àquelas pertencentes à unidade. Geralmente a liderança entre elas é atribuída àquela que possui maior escolaridade, que demonstra maior esperteza, inteligência ou força. As adolescentes isoladas no seguro são vistas com desconfiança pelas demais, sobretudo pela ação de traição ou delação de que são constantemente acusadas. Os relatos que se seguem são elucidativos dessa interpretação.

²⁷ Terapeuta ocupacional do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

O que é colocar no seguro? O seguro é porque é protegida nossa, e se elas não fizerem o que a firma, elas chamam o outro grupo de firma, o que a firma fizer, elas apanham. Então, sabe o que é o apanhar delas, nem sempre é agredir. É você ter que dar o seu pedaço de carne na hora do almoço, se você ganhar dois maços de cigarro você tem que doar um, essas punições elas que fizeram e isso debaixo do nosso nariz²⁸.

As principais dificuldades enfrentadas pela equipe técnica para a realização das atividades pedagógicas são a falta de recursos financeiros e materiais, a morosidade no envio de material para a unidade, o preconceito familiar, social e escolar.

Financeira. Porque aqui a gente se auto mantém assim mesmo, a gente tenta trabalhar com um dinheiro, que a gente recebeu uma verba, um projeto da promotoria, que conseguiu, aí a gente vem tentando se manter com esse dinheiro porque o material realmente que o estado oferece, ele é muito precário. Quando vinha alguma coisa, você fazer pedido pra trabalhar bijuteria, pra fazer aquele tipo de bijuteria, quando o material chegava aqui, aquilo nem estava usando mais, então a dificuldade principal mesmo é financeira, é material esportivo, tudo. Eu fico muito preocupada com a escola, porque a escola também está excluindo, as relações da escola não têm suprido isso, com o professor, isso mudou muito. Então tem esse perfil assim. “Ah menina, não sei, senta, fica calada”. Eu acho que a gente tem batalhado tanto para a didática, para a dinâmica escolar mudar, mas os nossos profissionais estão despreparados, eles não têm sabido acolherem essa mudança²⁹.

O fracasso da escola em compreender e trabalhar com o perfil específico de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo reforça o repúdio dessas adolescentes pelo estudo. A indisposição não surge na unidade, ao contrário ela faz parte do histórico pessoal da maioria das adolescentes entrevistadas.

Não gosto não. Eu não sou chegada na escola não, eu não gosto de estudar não. Na escola eu só fazia bagunça.

Eu ia, mas eu aprontava demais. Eu era muito atentada. Xingava o professor, uma vez eu dei um tapa na cara de uma professora. Ela me deu um beliscão e eu dei um tapa na cara dela. Jogava carteira para o alto. Batia nos meninos. Porque era tudo menor do que eu. Nos maiores não. Porque eu sou menor e não ia aguentar bater neles. Era mania minha, eles passavam perto de mim e eu dava um bicudo neles. Era muito difícil eu escrever alguma matéria, meus cadernos sempre ficavam em branco. Eu pedia os outros para copiar para mim³⁰.

Uma das dificuldades também enfrentadas pelo corpo técnico e administrativo do CRSSJ para a realização das atividades é a discriminação social e a falta de apoio da sociedade que, em alguns casos, inicia-se no ambiente familiar.

Porque a gente faz um trabalho legal com as meninas e elas chegam lá fora, elas encaram uma sociedade que recrimina, uma sociedade que não

²⁸ Diretora e assistente social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

²⁹ Pedagoga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

³⁰ Depoimento de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

apoia, uma sociedade que não dá oportunidades, então o que elas fazem, “o que eu vou fazer”. Acontece muito isso aqui, as meninas que estão aqui, elas têm toda uma infraestrutura pra está trabalhando, para estar se reeducando e tal, quando ela sai lá fora, tem um outro mundo, esse mundo que eu acabei de te falar. Então o que acontece, eu não dou conta de ficar nesse mundo aqui que não querem me apoiar, que não querem me ajudar, que não querem me dar oportunidades, e o que eu vou fazer, eu vou roubar, não tem que fazer outra coisa, eu vou roubar, e aí volta e retorna para cá, aí vira uma bola de neve³¹.

Nos depoimentos, a maioria dos entrevistados refere-se a falta de apoio social e a própria descrença da sociedade na recuperação da adolescente como um dos fatores que levam à sua reincidência. A ausência de oferta de oportunidades de trabalho para as egressas no mundo fora do Centro de Reeducação aliada ao preconceito e desconfiança social contribuem para o processo da marginalização e delinquência da adolescente. Excluída socialmente, a adolescente vai em busca de alternativas que lhe garantem satisfação consumista e identidades forjadas. Nessa trajetória de vida, a cidadania fica relegada a um sonho distante.

Na opinião do corpo técnico e administrativo do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ) a mídia e os meios de comunicação de massa procuram noticiar somente as rebeliões, brigas e disciplinas nas unidades socioeducativas.

Na imprensa maçante mesmo o que aparece são só os coisas ruins. Você fala que trabalha num centro de internação, “nossa, não acredito, você não tem medo, vai morrer” e tal, então ainda é muito desconhecido o trabalho. Eu acho que se amanhã tiver uma rebelião aqui, quebrar tudo e pegar um agente, vai vir todo mundo, Rede Globo, todo mundo, mas quando a gente faz uma festa da família bonita, as festas juninas daqui são lindas, quando a gente faz exposição bazar, os trabalhos das meninas, é difícil vir alguém³².

Esta postura midiática vem confirmar o caráter irrecuperável das adolescentes, tão banalizado pela sociedade, intensificando o processo de discriminação social. Se por um lado os meios de comunicação funcionam como instrumento capaz de formar valores sociais e morais, por outro lado eles funcionam como mecanismo de divulgação de preconceitos e discriminações. Nos noticiários sobre criminalidade não são apresentadas as histórias de vida dos personagens envolvidos. O que se apresenta é o fato puro e simples, retirando-lhe o contexto social e político no qual eles se insere. Nesse tipo de mensagem, a criminalidade esconde os problemas e injustiças através das consideradas “desordens ou anormalidades sociais”.

³¹ Agente socioeducativo do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

³² Pedagoga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Perfis das Adolescentes em Conflito com a Lei

A pesquisa procurou analisar o perfil das adolescentes que cumpriam medidas socioeducativa de internação no Centro de Reeducação Social São Jerônimo. Os dados foram coletados no ano de 2010 e foram fornecidos pelo Juizado da Vara Infracional da Infância e da Juventude de Belo Horizonte e pela unidade socioeducativa.

De acordo com os dados estatísticos descritos pelo Juizado da Vara Infracional da Infância e da Juventude, com relação ao sexo dos adolescentes que deram entrada no Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional, em Belo Horizonte, 15,6% eram do sexo feminino e 84,4% do sexo masculino. A respeito da faixa etária das adolescentes cumpridoras de medidas socioeducativas, os dados estatísticos demonstram que em 2010, os percentuais de mulheres autoras de atos infracionais nas idades de 12 a 15 anos, são maiores do que os percentuais dos homens. Estes dados sugerem que as mulheres iniciam a vida infracional mais cedo do que os homens. A tabela a seguir descreve os dados da pesquisa.

Tabela 1: Sexo com a idade do adolescente

Sexo	Idade do Adolescente									Total
	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
Feminino	3,9%	10,1%	17,9%	22,3%	20,6%	23,8%	1,1%	0,2%		100%
Masculino	2,7%	6,6%	11,5%	20,7%	25,9%	29,7%	2,0%	0,7%	0,2%	100%

Fonte: Vara Infracional da Infância e da Juventude – Setor de Pesquisa Infracional, 2010.

No ano de 2010, a faixa etária em que as adolescentes se encontravam mais vulneráveis a cometer um ato infracional é entre 15 e 17 anos, onde verifica-se o maior número de meninas em cumprimento de medidas socioeducativas. Dentro da unidade socioeducativa encontramos jovens com um índice de escolaridade mais avançado, apesar da grande maioria cursar o ensino fundamental de quinta a oitava série.

A grande maioria tem problemas com a família, foram excluídas das escolas, são negras, a família é muito pobre, tem muitos irmãos, família extensa, pais alcoolizados que tem casos de alcoolismo em casa³³.

Esta citação descreve uma situação específica das adolescentes autoras de atos infracionais. Segundo o depoimento a maioria provém de famílias desagregadas e desestruturadas que propiciam a saída das adolescentes para a rua e seu afastamento dos

³³ Pedagoga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

familiares. Muitas vezes a própria família inicia o processo de violência sobre a adolescente, vítima de abuso sexual e psicológico. Nesses casos, a violência fica oculta, contida por um sentimento de medo e constrangimento emocional. Geralmente, as vítimas de abuso sexual sentem vergonha de estar falando sobre o assunto. Crianças e adolescentes maltratadas possuem uma alta probabilidade de se converter em pessoas violentas, criando uma espiral de violência.

Eu acho que a partir do princípio mesmo, ela não deu conta, ela não foi ensinada a dar conta, aliás ela foi ensinada é a agredir mesmo porque foi agredida toda vida, ela foi ensinada a não amar, ela foi ensinada a conseguir as coisas no grito, no tapa, na violência porque não conversavam com ela. Então eu acho que essas respostas que a gente tem, porque eu fui violentada, porque eu sofri muita violência, eu acho que tudo isso colabora ³⁴.

Além disso, muitas adolescentes internas no CRSSJ convivem com familiares inseridos no mundo do crime, transmitindo-lhes valores e comportamentos próprios desse ambiente. Em casos em que os pais estão desempregados ou são incapazes de prover o sustento da família, geralmente essas funções são exercidas pela adolescente, que normalmente, vítima de discriminação, não consegue uma ocupação legal capaz de prover seu sustento e o de sua família. Nesses casos, a ilegalidade se apresenta como alternativa possível e de rápida solução que, apesar dos riscos, compensa a investida realizada.

A inexistência de um porto seguro, a negligência dos setores de atendimento à adolescente, falta de acesso a tudo que a gente tem direito. Normalmente uma adolescente que é de rua, está na rua, ela não é bem-vinda numa escola, existe o preconceito, a discriminação, a vizinhança não confia, a fama corre, então eu acho que é tudo isso, ela passa a não acreditar mais nela. O desacreditar na família que ela realmente melhorou, ela passa um ano fora de casa, ela volta, os conflitos são os mesmos e ela percebe que a realidade é dura e a mãe continua desempregada, a casa não tem comida, o pai continua alcoólatra, cada uma é uma realidade³⁵.

Eu tinha meu ex-marido, aí eu ia na minha casa, na casa da minha mãe, ela chegava estava tudo arrumadinho, porque eu não tinha nada pra fazer, aí eu voltava para a minha casa. Tinha vez que eu também ia morar com ela. Eu ia morar com a minha mãe para ela não morar sozinha. E ele também está preso, só que nós largamos, que eu vi que não é homem para mim, porque também é do crime. Desde os doze anos ele está no crime e eu também me influenciei muito por causa dele.³⁶

O processo de socialização da maioria das adolescentes se deu no espaço da rua, em praças, esquinas e pontos de encontros onde elas vivenciavam relações conflitantes advindas

³⁴ Diretora e assistente social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

³⁵ Diretora e Assistente Social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

³⁶ Depoimento de adolescente interna no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

do tráfico de drogas, da atuação de facção criminosa e da violência urbana. Nessas circunstâncias, as adolescentes eram passíveis de morte a todo momento e destituídas de qualquer direito de cidadania (SPOSITO, 1994). Apesar das principais infrações cometidas pelas adolescentes serem o roubo e o assalto à mão armada, o principal envolvimento das jovens infratoras no mundo do crime acontece através do tráfico de drogas, atuando como receptadoras e vendedoras de drogas.

Primeiro usando, e depois traficando. Normalmente elas começam como aviõezinhos, que é o jeito mais comum de traficar. Os traficantes começam a dar drogas para elas e até então de graça para elas, só que depois a coisa vai ficando complicada e ela acaba trabalhando com o traficante para fazer uso da droga. Chega vez, que ela nem chega a receber nada, só pega. Outras vende na boca, lá embaixo, desce o morro, e assim, elas vão entrando no uso como aviõezinhos. Mais comum³⁷.

O principal motivo do envolvimento das adolescentes no mundo do crime é o uso de drogas, geralmente experimentada através da influência de amigos ou colegas de ruas. Todas as adolescentes entrevistadas eram usuárias de drogas, sendo a maconha a droga mais consumida pelas adolescentes. A maioria das adolescentes admitiu fazer uso de drogas desde os dez ou doze anos de idade.

Porque eu fiquei revoltada, comecei, a primeira vez que eu fumei maconha eu estava com uns meninos que ficava lá no canto, e aí eu pedi para eles não fumar meu cigarro, que eu não sabia o que era maconha, aí eu fumei, eles falaram, você não está usando cigarro não, isso é maconha. Ele começou a me ensinar e daí há pouco eu aprendi e aí eu fui fumando e não quis parar mais. Eu desde os 10.

Assim, meus amigos todo mundo fumava um “brai”, todo mundo rindo, todo mundo às pampas e eu nossa que é isso, está todo mundo feliz, aí eu fui e fumei. Eu gostei e continuei fumando, depois aconteceu de eu fazer assalto e ganhar muito dinheiro, eu fiz um assalto a primeira vez, achei fácil, eu fiz o segundo e eles me pegaram.

O envolvimento das adolescentes com os traficantes lhe confere identidade e poder, onde o principal valor assimilado é o exibicionismo advindo de seu relacionamento com o dono de uma boca de fumo. A adolescente se identifica nessa relação e passa a conquistar o respeito dos moradores da região, mesmo que seja de forma passageira.

Tem a questão, que eu tenho que fazer parte de um grupo, da identidade, e normalmente a identidade é esse grupo. Se eu sou menina eu preciso ter poder, e para eu ter poder eu tenho que namorar um traficante, que o traficante é o que há³⁸.

Eu não vou te dizer que foi amigo, porque eu quis começar por causa até mesmo de vergonha na cara, que eu sabia como é que ia ser, que eu já tinha falado e conheço mesmo. Porque eu acho que assim, muita coisa

³⁷ Psicóloga do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

³⁸ Diretora e Assistente Social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

que muito jovem passa é experimentar tudo na vida, e o que jovem gosta muito mesmo é de adrenalina, tudo isso que você passa é pura adrenalina, então eu fazia isso por isso também. Revolta por causa disso. (Mas revolta com o que?) Eu ainda não descobri isso ainda, entendeu. Eu não sei se eu fiquei muito tempo sozinha no orfanato, eu fiquei seis anos sem ver ninguém da minha família, eu não sei porque³⁹.

Conforme podemos verificar no segundo depoimento, um dos motivos relatados pelas adolescentes para sua entrada para a vida do crime é o espírito de aventura e de curiosidade do jovem. No caso dela, a esse espírito somou-se um sentimento de revolta o qual ela ainda não conseguia assimilar. Nesse caso específico, tratava-se de uma adolescente vítima de abuso sexual durante os seis anos em que esteve internada em um colégio interno na capital mineira. Durante todo o período em que a adolescente esteve internada no colégio ela não recebeu nenhuma visita de seus familiares, sobretudo de sua mãe. Segundo depoimento do corpo técnico do CRSSJ, a mãe sofria de problemas mentais e perdeu a guarda dos filhos para a avó. No período da infância da adolescente, a avó a internou no colégio interno até que ela completasse doze anos. Após a sua saída do colégio interno a adolescente começou a usar drogas e a se envolver com o crime, indo, posteriormente, morar com a mãe e o padrasto.

Para o corpo técnico e administrativo CRSSJ essa conjuntura é produto sobretudo da desestruturação familiar, onde as adolescentes são desprovidas de todos os princípios éticos necessários para a formação de sua personalidade.

Porque não tem uma continuidade, a mãe é a mesma, o padrasto violento está lá, é o mesmo, os irmãos continuam na mesma situação, a casa é a mesma precariedade, e quando você acha que ela vai voltar? Então ela quer? Ela está dizendo para gente que ela não quer isso para ela. Mas ela não vai ter outra opção. Você acha que alguém vai querer abrir a porta para uma adolescente que ficou presa um ano e oito meses porque matou alguém? É preciso fazer essa pergunta. A sociedade acredita que ela fez aquilo e ela se arrependeu? (...) A gente tinha uma menina aqui que a mãe veio da rua, porque a mãe da mãe, avó, também era moradora de rua. Então vai passando de geração para geração essa questão da rua, porque existe um fascínio pela rua assim, impressionante. A rua eu acho que é o ponto de desejo para todo mundo, de todos limites e essa mãe falava nas reuniões conosco. “Mas eu vivi na rua, debaixo de ponte, no viaduto e eu nunca roubei ninguém”, a menina dela tinha cometido um homicídio, “...e ela fez isso foi porque ela quis”. (...) É uma adolescente com traços perversos que as intervenções pouco surtiram efeito com ela, e é aquela assim, não estou nem aí mesmo, não tem problema, não fui eu quem matei, eu só dei o tiro, Deus é que matou⁴⁰.

³⁹ Depoimento de adolescente interna no CRSSJ.

⁴⁰ Diretora e assistente social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Nesse depoimento a entrevistada relata um caso em que a adolescente e sua família tinham uma trajetória de rua que vinha de gerações passadas. Essa experiência ilustra os efeitos desse estilo de vida na formação da personalidade da adolescente que presenciou a morte da sua mãe.

Durante a formação para a vida adulta, além das informações familiares e escolares, os jovens recebem informações oriundas de vários meios. A rua é o espaço privilegiado do contato do jovem com o mundo e com diferentes experiências, normalmente vistas como espaço de liberdade e realização social. A rua é o local onde o jovem confronta seu aprendizado escolar e familiar com uma realidade social mais ampla, consolidando seus próprios valores.

Na opinião do corpo técnico e administrativo da unidade, os principais motivos que levam as adolescentes a ingressarem no mundo do crime são a desestruturação familiar, a desigualdade social, o desejo de consumo, uso e comercialização de drogas, o desejo de ser diferente e respeitado, a opção pela rua como local de relacionamento e moradia. Os jovens são recebidos pela rua de diferentes maneiras: as consequências do que fazem na rua podem ser definitivas, se errarem uma vez, não conseguirão mais se desvincular da ação policial, do traficante ou da gangue do bairro.

Dentro da literatura existente sobre o assunto, Olgária Matos (1998) analisa os reflexos da crise do espaço público e das relações sociais. Para autora, essa situação é produto da indiferença com relação ao outro, que traduz numa perda de crenças, valores e tradições.

Crise também indica a experiência de um mundo de 'banalização' do mal, mundo da equivalência, como o do mercado, mundo da indiferença. Conflitos regionais, do Oriente Médio à Bósnia, da África à América Latina, atestam a perda de direitos – ao território, à vida -, ao mesmo tempo que a urgência de respostas a uma circunstância – a 'modernidade' do capitalismo – crise, que em muito diz respeito à brusca perda de crenças e tradições (MATOS, 1998, p. 94).

O conceito de crise vai além de um caos regional, mas se apresenta como produto de um conjunto de fatores e comportamentos que emergiram da política imediatista e individualista do capitalismo, do progresso circunstancial da modernidade, mas sobretudo, da lei de troca e equivalência do mercado. O valor do ser humano está na sua capacidade de ter, de consumir e de possuir bens materiais. Tudo está à mercê da lógica do mercado. Nela todos os valores, crenças, tradições e sentimentos são passíveis de troca, de comercialização, de rendimentos. Neste mundo, globalizado, porém individualista, não se tem tempo a perder, nem a pensar. O que importa é aqui e o agora, o que importa é a satisfação imediata pelo consumo: consumo de drogas, de roupas, de tempo, de intimidades tipo Big Brother. Nesse sentido,

O tipo de crueldade praticada hoje mostra que um pacto social foi rompido. Antes, pelo menos no imaginário, essa referência existia. Agora, a partir do momento em que você não acredita mais nas leis, ou há uma descrença nas instituições, ou então uma demora na aplicação das legislações, o que sobra? Nada. As referências coletivas se esfrelam. Acho que tem também uma miséria espiritual muito grande. Igual ou maior que a material. Uma das manifestações dessa barbárie contemporânea é a indiferença. A outra, a crueldade que se acresce à violência. (MATOS, 2003, p. 3).

A indiferença com relação ao outro vem agravando ainda mais as desigualdades sociais. Como consequência, há um aumento da marginalização social, sobretudo das populações que vivem à margem do desenvolvimento, do consumo, do emprego, da água tratada e da educação de qualidade. Em uma sociedade estratificada como a nossa, as pessoas que vivem na periferia social e espacial habitam um novo mundo. Contudo, apesar de viverem sobre diferentes regras cultuam a mesma falta de tradições, recordações, tempo e valores morais.

Habitamos diferentes mundos e realidades: um mundo do ter, e um mundo do querer e não poder ter; o mundo do consumo massivo e o mundo da carência absoluta; o mundo da realização incessante de sonhos e o mundo da realidade violenta e brutal. Enquanto que no primeiro mundo está uma pequena minoria social, no segundo está a grande massa de marginalizados denominados de submundo, de marginais, de delinquentes. Em ambas realidades há o predomínio da ausência de valores humanísticos, de tempo para o outro, de reflexão e de diálogo. Na zona fronteira se desenrola o caos: espaço onde os dois mundos involuntariamente se cruzam, se matam, se violentam, se mutilam e se transformam em números e estatísticas. Nesse contexto, a barbárie urbana toma conta das ruas, avenidas e instituições disciplinares. A desigualdade social e econômica vem propiciando práticas criminosas como alternativas para sobrevivência e a conquista de seus objetos de desejo. O crime é visto como uma atividade lucrativa e atrativa se comparado com as reais opções de empregos existentes para determinados sujeitos sociais.

Segundo as adolescentes entrevistadas os motivos que levaram a cometer um ato infracional são variados, dentre eles destacam-se: revolta, medo, uso de drogas, paixão pela aventura, falta de apoio familiar, influência de amizades, desejo de consumo e dinheiro fácil, necessidade de autoafirmação.

Eu acho que assim, os adolescentes em geral, no caso o apoio dos pais também, a sociedade em geral que não dá oportunidade para o adolescente trabalhar também. E tipo assim, a influência de amizade. Igual o adolescente ele quer logo zoar e torrar no motel, e conhecem amigos que são criminosos, então vai influenciando e tal. Então é isso que leva. A forma do dinheiro fácil, o adolescente que comete ato infracional

sempre tem dinheiro, e a gente só quer curtir, ir para festa, beber, fumar. Isso influencia e leva o adolescente a cometer atos infracionais. Revolta. Eu acho que comigo mesmo. Às vezes a gente acha que não tem valor algum, então, sei lá, eu acho isso estranho, aí. É porque ninguém tinha percebido, geralmente a pessoa só acusa, nunca agrada, sabe. Eu acho que mais por isso ⁴¹.

No primeiro depoimento a adolescente se refere a vários fatores que propiciam o ingresso dos jovens no mundo do crime, entre eles a ausência de apoio familiar, a desigualdade e discriminação social, a influência das amigas principalmente àquelas envolvidas com a criminalidade e, finalmente, a possibilidade de ganhar dinheiro fácil para também gastá-lo rapidamente com aventuras, consumo de drogas e produtos caros. A análise desses motivos nos remete a uma sociedade consumista e mercadológica, onde a lógica do consumo e do mercado determinam as relações pessoais e os valores que orientam o comportamento e ações das pessoas.

Nessa situação, falta tempo para o desenvolvimento de relações familiares e pessoais, cada vez mais ausentes. À desestruturação familiar e à ausência de apoio social soma-se a inexistência de tempo para reflexão e memorização dos valores éticos e morais necessários para a formação da personalidade humana. A atividade criminosa propicia ao adolescente infrator a satisfação de seus desejos consumistas que lhe garante uma posição de respeito e autoridade impostos em função do medo e da obediência incondicional.

Nos depoimentos as adolescentes destacam o sentimento de revolta como um motivo que propiciou o ato infracional. O crime encoraja e dá poder ao criminoso, mesmo que momentaneamente. Além disso, o abuso sexual sofrido, por uma das adolescentes entrevistadas, parece ter diminuído a sua autoestima, sobretudo quando ela expressa uma revolta consigo mesma. Geralmente as vítimas de atentados sexuais viveram em ambiente familiar perturbado e agressivo. Muitas adolescentes abandonaram suas famílias para morar na rua, longe das ameaças sofridas dentro de casa, vítimas de agressões constantes.

A violência doméstica e familiar é um dos sintomas dos desajustes culturais e sociais. Esta realidade tem demonstrado que a prática constante e arbitrária da violência vem gerado, conforme já preconizava Hannah Arendt (1997), um mundo cada vez mais violento. Não é por acaso que na opinião das adolescentes, os crimes considerados mais hediondos são o estupro e o homicídio. No caso do estupro seu aspecto mais condenável é a covardia e a frieza do agressor ao violentar arbitrariamente a vítima.

⁴¹ Depoimentos de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

O pior crime que a gente comete é o crime de não amar a si mesmo, é o pior crime, mas no mais eu acho que o estupro, o ato do estupro, e eu acho que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém a não ser Deus. Desrespeitar o ser humano. Uma covardia. Eu acho que é uma coisa que não tem perdão.

O pior crime que eu acho é 203, estupro. O pior crime. Porque eu odeio isso, sabe. Ninguém tem o direito de estuprar a pessoa. Depois que você mata a pessoa, você vai estuprar a pessoa, eu acho que isso aí é um mostro, uma pessoa que mata até a própria mãe, mata o filho, um neném. Sabe, um crime que eu acho que tinha que ter era uma cadeira elétrica para matar essa pessoa⁴².

Uma boa parte das nossas adolescentes sofreram violência sexual e é revoltante porque o maior agressor está dentro de casa. É o pai e não houve o tratamento que ela precisava ter, a responsabilização por isso não houve. Na verdade, foi omissão até da própria mãe, da própria adolescente e uma revolta muito grande dela e acaba que a gente também ⁴³.

Ao lado do homicídio sem fundamento, o estupro é visto como um dos piores crimes cometidos pelo homem. Na opinião das adolescentes infratoras, proporcionalmente, a pena para esse tipo de crime deveria ser a mais dura possível. No mundo do crime, não existe perdão para a arbitrariedade, a traição e o estupro. Mais grave que estupro a uma mulher é o estupro a inocência e a ingenuidade da criança. No último depoimento, a diretora do Centro de Reeducação Social São Jerônimo relata um caso de estupro em que o agressor é o próprio pai das vítimas. Segundo o relato, não foi realizado tratamento para minimizar os traumas deixados por essa agressão. Além disso, o agressor, obrigado judicialmente a abandonar sua residência, contava com a cumplicidade da mãe das vítimas em função do papel de arrimo familiar prestado pelo pai. Esse depoimento chama a atenção pela dupla vitimização do ato: as vítimas além de agredidas sexualmente pelo pai sofrem uma agressão moral ainda maior - elas são as principais responsáveis pelo ocorrido, afinal foram elas que provocaram a violência.

Para as adolescentes infratoras, duas situações são imperdoáveis: a traição e a agressão a família. Ambas são atitudes injustificáveis que geram revolta, reprovação e desejo de fazer justiça com as próprias mãos.

Tem cara que mata a família do outro, e isso eu não gosto muito não. Falsidade. Eu não aceito só falsidade, traição. Por exemplo, tipo assim, está no mesmo alojamento e nem liga, nem procura saber da outra pessoa, isso para mim é falsidade.

Trair a minha amizade, a minha pessoa, eu acho que tudo que vem com relação a traição. Mexer com a minha família principalmente, antes eu nem ligava sabe, mas agora⁴⁴.

⁴² Depoimentos de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

⁴³ Diretora e assistente social do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

⁴⁴ Depoimentos de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

No caso da traição, sua prática coloca em risco todo um relacionamento que se baseia na confiança e na palavra. A prática da traição fere o maior de todos os valores: a honra. A análise desses valores propicia um repensar sobre os códigos de ética que regem o mundo do crime. Ao contrário de muitos autores que banalizam os criminosos, seus crimes e seu mundo como uma sociedade sem leis e regras, a exposição de seus juízos de valores vem demonstrar que, mesmo em um mundo onde os valores sociais se apresentam aparentemente distorcidos e fora da ordem, existe um conjunto de crenças, valores e leis que são rigidamente seguidos e respeitados pelos membros dessa comunidade marginalizada e discriminada. O próprio termo “crime organizado”, empregado para caracterizar muita das ações ilegais referentes ao mundo do crime nos sugere um nível de organização e comprometimento daqueles que o integram.

Quando questionamos quais os principais valores de um homem, para o corpo técnico e administrativo do Centro de Reeducação Social São Jerônimo a vida é a mais citada. No entanto, quando realizamos a mesma pergunta para as adolescentes infratoras, a honra (de forma indireta) e a humildade são os principais valores ressaltados. Os depoimentos que se seguem subsidiam essa interpretação.

É ela ser humilde, o amor próprio, um amor pelo semelhante, esses são os principais valores, principalmente o respeito mútuo que a pessoa tem que ter. É ela ter respeito e ser humilde sabe. Ela sendo humilde, ela tem tudo. Ela pode chegar num lugar assim de cabeça baixa, mudar de vida, sair de um lugar assim com a cabeça erguida e ninguém falar nada dela, é uma pessoa legal, isso para mim, ela tem que ter humildade.

Humildade e confiança. Ser uma pessoa humilde, só. Uma pessoa humilde, sincera, um cidadão comum, uma pessoa comum. Os outros acham que eu sou, mas por mim eu acho que para minha família, igual a minha irmã, para eles eu penso que eu não sou humilde para eles. Porque eu penso que para eles eu sou do mundo do crime e para eles eu não importo⁴⁵.

A análise desses relatos é elucidativa para a compreensão dos anseios, medos, crença e desejos que orientam as ações e sentimentos das adolescentes autoras de ato infracional. Como a morte é uma constante nas relações entre as pessoas, a vida passa a ser uma consequência da honra, da palavra, da humildade. Mais importante do que estar vivo é ter palavra, é ser humilde é, sobretudo, ser honrado. Viver é um direito de todo o cidadão, viver com honestidade é um privilégio. No primeiro depoimento a humildade e o amor ao próximo são vistos como valores essenciais. Quando se é humilde e se ama ao próximo, o respeito pelo outro é inevitável. No segundo depoimento a adolescente ressalta a humildade e a sinceridade como principais. Nesse relato o valor da honra vem assimilado a ação de ser sincero.

⁴⁵ Depoimentos de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Todas as adolescentes entrevistadas, mesmo as que possuíam problemas de relacionamento familiar, citam a família como um grande valor e objeto de respeito. Na maioria dos depoimentos, a ausência da proximidade da família aliada à privação da liberdade são os fatores que mais penalizam as adolescentes e por isso, são os mais difíceis de serem superados. A distância da família, devido à internação das adolescentes, gera um sentimento de angústia e tristeza profunda. A inviabilidade de alterar essa situação em função de sua condição de interna ou de reincidente inveterada favorece a construção de um discurso de arrependimento respaldado pelos valores morais e éticos tradicionais.

(O que você gostaria de ter?) Ter a minha família para sempre, porque se um deles morresse. Padrasto, minha mãe, minha avó, tenho dois irmãos abaixo de mim. Agora porque eu acho que nenhuma família ia me aceitar fácil, mas se aceitou de coração é porque realmente ama a gente e ainda acredita que a gente no futuro possa ser alguém. Agora eu quero mostrar para eles que eu posso sim, eu passei isso graças a eles, e a mim também, mas principalmente a eles.

Eu acho assim, a pior coisa da gente é não ter liberdade, isso aí, estarem te olhando sabe. O que manda é a liberdade. E liberdade ninguém tem aqui dentro. Nenhum lugar assim, de cabeça, ninguém tem liberdade não, e eu não gosto de ficar presa não, é ruim, nossa senhora! Quem não passou isso aqui tomara que não passa não, porque é horrível mesmo. Você não sabe o dia que você vai embora, dia de sexta-feira tem ligação, eu converso com a minha família, espero o fim de semana para poder conversar com a minha mãe⁴⁶.

Nos depoimentos a família, sobretudo a mãe, é vista como objeto de valor e respeito. No primeiro depoimento a adolescente expressa a angústia de estar interna e longe de sua família, principalmente de sua mãe que sofre de depressão e precisa de cuidados. No final do seu relato a adolescente relata o carinho e o amor de sua família por ela. No segundo relato a adolescente ressalta que o problema da privação da liberdade é a impossibilidade de ficar próxima de sua família. Os encontros familiares ficam reduzidos a uma tarde por semana e a comunicações telefônicas nos finais de semana.

A maioria das adolescentes interna no Centro de Reeducação Social São Jerônimo pertence às famílias onde a mãe é o arrimo familiar. No histórico dessas adolescentes, o pai ocupa uma posição subsidiária e em suas falas há pouca referência à figura paterna. Geralmente são famílias que se encaixam em algumas das seguintes situações: o pai abandonou a mãe e os filhos; mães solteiras cujos pais são desconhecidos ou não assumiram a paternidade; pais alcoólatras ou incapazes; pais envolvidos na criminalidade e presos.

⁴⁶ Depoimentos de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Em todos os depoimentos a mãe é a principal referência familiar das adolescentes. Ela é a responsável pela educação, pela imposição de limites, pela proteção e a principal companhia nas horas difíceis. Se para algumas adolescentes o dia da visita é o mais esperado, para outras, esse dia tende a ser marcado pela ausência de visitação, gerando um sentimento de angústia e frustração. Os depoimentos que se seguem subsidiam essa interpretação.

A gente vê claramente nos dias de visita, o sofrimento delas, com a mãe, com o pai, com o parente, com irmão, quem for. Agora, já as que estão aqui, porque estão no crime, o sofrimento delas de estar aqui é não poder está lá no que elas estavam fazendo antes. A educação que elas recebem aqui é uma das coisas prioritárias. Agora, prioritária mesmo é a família, tem umas que não recebem visitas de família ou às vezes a família está toda presa também, em outros estabelecimentos penais, entendeu, então complica⁴⁷.

É comum relato de maus tratos sofridos pelas adolescentes nas delegacias. Na opinião das entrevistadas, as delegacias são lugares sujos, sem estrutura, sem atividades e que oferecem uma alimentação de péssima qualidade. Além disso, são comuns as denúncias de covardia, violência e abusos dos policiais com as adolescentes. As falas que se seguem subsidiam essas informações.

É sacanagem, covardia, é muita humilhação. É péssimo, o alojamento pior ainda, o tratamento é péssimo. Eles tiravam a gente de lá, batiam, uns até abusavam das meninas, graças a Deus isso não aconteceu comigo não, se eu tivesse falado, teria acontecido.

Sujeira, quando eu caí lá não tinha uma cama, não tinha um colchão, era coberta pura, tinha aquele menino gelado, vendo aquele mosquito passando, um tanto de papel higiênico com bosta, aquele mal cheiro de privada, nossa é muita coisa. Parece que você está pecando naquela hora, você pecou, você está pagando, é muito triste⁴⁸.

Nos depoimentos as adolescentes, ao descreverem o ambiente das delegacias, estabelecem uma comparação com o espaço do Centro de Reeducação São Jerônimo (CRSSJ). Ao contrário das delegacias, o Centro é qualificado como um lugar melhor e mais limpo, onde elas recebem um tratamento humano e uma comida de qualidade. Todas as adolescentes entrevistadas consideram o CRSSJ um ambiente melhor do que os lugares que elas já estiveram apreendidas. Os depoimentos que se seguem ilustram essas opiniões.

Aqui não é maravilhoso não, mas em vista de outros lugares é bom. Eu acho que o lugar quem faz é a gente mesmo. A comida é muito boa, os alojamentos são muito limpinhos. Graças a Deus tem atividades, a gente pode até ganhar dinheiro com as atividades que a gente faz. Tem cursos, escolas. Tem equipe médica a hora que a gente precisar. Eu gosto.

⁴⁷ Agente socioeducativo do Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

⁴⁸ Depoimento de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

Aqui nós temos privilégio. É ruim só porque você não tem liberdade, mas é legal porque você tem psicólogo, você tem médico, tem tudo, por isso que é bom ⁴⁹.

Contudo, apesar do tratamento oferecido na unidade socioeducativa às adolescentes entrevistadas, o período em que elas permanecem internas na unidade é uma experiência desagradável e triste, devido à privação da liberdade. Por melhor que seja o tratamento recebido a ausência de liberdade é vista pelas adolescentes como fator limitador do desenvolvimento.

A gente, igual uns chama aqui de cadeia, quer ir embora, começa a xingar assim, xinga todo mundo aqui dentro. E a gente está preso. Atrás de grade. Não tem liberdade. A gente queria está livre. Para a gente ir para casa da gente. A gente presa é uma coisa, agora solta já é outra. Namorar, vender, fumar quantos cigarro que quiser. Ficar aqui sem ver a sociedade, se você quiser ir ali comprar um chiclete, você não pode ir, isso para mim é não ter liberdade⁵⁰.

O fato de elas serem obrigadas a pedir permissão para fazer atividades básicas e cotidianas como fumar cigarro, beber água, dar um telefonema, conversar com um técnico e outras coisas similares, gera um incômodo nas adolescentes. Vale ressaltar que muitas das adolescentes internas na unidade possuíam trajetória de vida ou pertenciam às famílias desestruturadas. Em função disso, seus hábitos e comportamentos raramente sofriam alguma limitação.

Este cotidiano da unidade socioeducativa é característico das instituições totais, onde a realização de todos os aspectos da vida (dormir, trabalhar e divertir) acontece no mesmo local, sob uma única autoridade. Além disso, cada fase do cotidiano do interno é realizada em companhia de um grupo de pessoas que são tratadas da mesma forma e persuadidas a fazer as mesmas atividades em conjunto. Há o estabelecimento de horários fixos para a realização de todas atividades diárias que seguem um padrão de regras estabelecidas pela direção da instituição. Estas atividades seguem, supostamente, um planejamento de obrigações que procuram atender aos objetivos daquela instituição.

Para o cumprimento desses objetivos, é fundamental a presença dos vigilantes, cuja função é procurar garantir que a realização das atividades ocorra em perfeita ordem e com total obediência dos internos. Assim, a população dessas instituições é composta de uma equipe de supervisores e um grupo de internados, que vivem dentro da instituição com poucos contatos

⁴⁹ Depoimento de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

⁵⁰ Depoimento de adolescentes internas no Centro de Reeducação Social São Jerônimo (CRSSJ).

com o mundo externo. A equipe técnica e administrativa (supervisores) trabalha, geralmente, oito horas diária dentro da instituição e é integrada ao mundo externo.

Cada grupo tende a conceber o outro como adversário, não havendo muita integração social entre eles. Esta situação é reflexo de uma marginalização social presente no mundo externo e importada para as instituições totais. Durante a realização das entrevistas, os depoimentos demonstravam a existência de dois mundos culturais diferentes que, por uma questão impositiva, caminhavam juntos, porém com pouca integração. Os sujeitos do “mundo do crime” e os sujeitos do “mundo da ordem” conviviam lado a lado em uma tentativa frustrada de comunicação. Essa situação acabava se transformando numa competição diária, onde a não compreensão e assimilação do outro gerava medo, angústia e raiva.

Segundo Goffman (1974), essas situações são típicas de instituições totais que procuram modelar os internos através de uma padronização de diálogos e comportamentos. Contudo, para o autor “a divisão equipe dirigente-internado é uma consequência básica da direção burocrática de grande número de pessoas” (1974, p. 20). Outra peculiaridade dessas instituições é a determinação do tempo para realização de qualquer atividade com os internados. Assim, “... dizer que os internados de instituições totais têm todo o dia determinado, para eles equivale a dizer que todas as suas necessidades essenciais precisam ser planejadas” (GOFFMAN, 1974, p. 21). É comum nos relatos das adolescentes entrevistadas a referência a esse excesso de delimitação de tempo para a realização de atividades, o que acaba significando uma ausência de intimidade associada a uma constante vigilância.

A perda da liberdade individual ou da possibilidade de usufruí-la nas mínimas necessidades diárias contrasta com a valorização da autoestima das adolescentes. Apesar da realização de atividades no interior dessas instituições e do recurso financeiro conquistado com elas (sobretudo nas atividades manuais), as adolescentes permanecem submetidas a rígida disciplina da unidade socioeducativa. Àquela que não se dispõe a participar das atividades nos horários planejados são obrigadas a permanecerem em seus alojamentos.

Muitas vezes, a participação nas atividades diárias implica na conquista de alguns minutos longe das grades, mesmo que próximo dos muros altos e da vigilância dos supervisores. Esse posicionamento é muito comum nas atividades pedagógicas, sobretudo nas aulas. Apesar da maioria das adolescentes não gostar da escola, elas continuam frequentando às aulas como alternativa para fugir do isolamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado ao longo de nossa pesquisa permitiu delinear um panorama geral do cotidiano da criminalidade juvenil feminina e do Centro de Reeducação Social São Jerônimo, durante o final do século XX e início do século XXI.

Uma das teorias explicativas da criminalidade procura relacionar sua ocorrência com a existência da pobreza. Nesse caso, as ações criminosas são interpretadas como um problema social fruto da crescente miséria econômica que vem atingindo um número cada vez maior de brasileiros. Segundo essa linha de pensamento, a ausência de condições mínimas de subsistência, moradia e cidadania teriam como reflexo atos criminosos utilizados como possíveis recursos de sobrevivência. O problema dessa corrente interpretativa é a sua utilização no sentido oposto. Nesse caso, ser pobre implica em ser suspeito, criminoso e marginalizado. Em termos sociais, essas pessoas são vistas como elementos suspeitos por não possuírem uma ocupação formal, uma moradia adequada e uma vestimenta apropriada. Antes da existência da ação criminosa, cria-se a figura do criminoso como extensão do estigma de marginalizado. A análise do perfil da população feminina cumpridora de medida socioeducativa de internação em Belo Horizonte é elucidativa dessa segregação social. Na maioria dos casos, as adolescentes declararam que começaram a se envolverem com a criminalidade para satisfazerem suas expectativas consumistas ou necessidades básicas.

No decorrer da pesquisa e da análise dos depoimentos verificamos que a existência do crime tem alimentado uma rede de atividades e empregos que sobrevivem da violência e dos infortúnios por ela criados nos hábitos das pessoas. A existência do delito e de sua ininterrupta ameaça vem moldando o comportamento dos cidadãos, cada vez mais reféns do medo, da angústia e da insegurança. Em função desses sentimentos, presentes sobretudo nos principais centros urbanos, proliferam-se firmas de segurança privada e pública; criam-se estatutos, leis e políticas governamentais em prol da segurança individual e social; mantém-se uma rede de empregos baseados na punição do delinquente (delegados, agentes penitenciários, diretores e técnicos de unidades de aplicação de medidas socioeducativas e presídios, promotores, juízes e outros) e na defesa dos direitos humanos do infrator (advogados, associações de direitos humanos e outros). Essa rede de empregabilidade, formada em torno da atividade criminosa, tem propiciado a minimização do problema do desemprego e alimentado a lógica capitalista e neoliberal, baseada num extremo individualismo e na continuidade do consumo imensurável.

Como mecanismos de defesa e de visibilidade, os moradores dos conglomerados e periferias da capital mineira, vítimas de discriminação social, procuram associar essas regiões com a ideia de comunidade. Dentro dessas regiões, são estabelecidas redes de amizade que repugnam o bandido autor de ações arbitrárias e descontroladas e valorizam o bandido “herói”, capaz de proteger os moradores da região e garantir a sua integridade física. Nessas regiões, o uso constante da violência cria uma solidariedade baseada em dois fatores: insegurança e gratidão. Ao mesmo tempo em que os moradores de alguns conglomerados urbanos aderem aos interesses dos traficantes, em função da imposição de normas de sobrevivência e obediência, eles criam elos de fidelidade e subserviência com aqueles que são responsáveis pela satisfação de suas necessidades básicas, de seus desejos consumistas e da integridade física de sua família.

A ausência de oportunidades de emprego formal para uma grande parte da população brasileira tem alimentado a informalidade e a ilegalidade. Enquanto que na primeira opção, a conquista de lucros e capital fica restrita àqueles trabalhadores mais qualificados, geralmente pertencentes às classes sociais mais abastadas, a segunda opção fica reservada àqueles incapazes de bancar uma educação de qualidade e obter uma vasta experiência profissional. Para estes, a atividade criminosa se apresenta como alternativa de trabalho e de aquisição de remuneração rápida, fácil e farta.

São várias as condições que favorecem a ocorrência da criminalidade com a participação dos adolescentes. Dentre elas destacam-se: desestruturação familiar, existência de subempregos e um índice crescente de desemprego, curiosidade com relação ao mundo do crime, discriminação social e racial, incapacidade do Estado em prover grande parte da sociedade de segurança e dignidade civil, destituindo-lhes direitos de cidadania e participação. Enfim, ausência de uma formação humana adequada capaz de promover o desenvolvimento pessoal e profissional do cidadão.

O uso da violência no crime organizado possui um duplo significado: demonstração e imposição de poder sobre os demais integrantes da comunidade; cobrança e aplicação de comportamentos que regulamentam as ações das pessoas envolvidas nessa atividade. Vale ressaltar que esse significado da violência, presente nos morros, conglomerados e periferias, se transfere para a unidade socioeducativa. Em ambos espaços sociais há uma assimilação de valores e culturas próprios da população marginalizada e criminosa. A lei da massa é transposta para o interior da unidade socioeducativa reproduzindo códigos de valores e honra que orientam e coordenam as ações das adolescentes infratoras. Com relação a traição, na lei da

massa ela é punida com a morte. O traidor é visto como aquele que enfraquece e desestrutura a organização criminosa, tornando-a sujeita as investidas policiais e a desmobilização da comunidade marginalizada. Ao contrário, em nossa sociedade o delator de um colega do crime é visto como aquele que contribui para a manutenção da ordem social, visto que sua ação visa entregar e denunciar aqueles que não se encaixavam na ordem estabelecida. A título de exemplo temos a instituição da “delação premiada” tão utilizada nos processos jurídicos envolvendo casos de corrupção pública e empresarial na última década. Para as adolescentes entrevistadas, a violência, como instrumento de imposição de valores e comportamento, é vista como uma ação justificada e correta, desde que empregada com moderação e sem arbitrariedade. Por outro lado, há uma condenação da violência arbitrária: matar na covardia, violentar sem motivo.

Do ponto de vista da reeducação social, a unidade socioeducativa, ao mesmo tempo em que procura modelar o comportamento das adolescentes infratoras, possui aspectos peculiares do mundo do crime e das instituições totais. Assim como todas as instituições que procuram controlar o corpo e o tempo das pessoas, na unidade há um conjunto de regras e regulamentos que devem ser cumpridos e seguidos. A adesão, mesmo que aparente, das internas aos objetivos e propostas da instituição, implica em um melhor julgamento e análise de seu processo de reeducação social, proporcionando-lhe uma redução da medida socioeducativa a ser cumprida e o acesso mais rápido à liberdade. O processo de transformação técnica do indivíduo está submetido a uma lógica de funcionamento que procura evitar a evasão da adolescente e controlar suas ações dentro do padrão comportamental exigido. O não cumprimento das atividades e o envolvimento em indisciplinas, brigas e confusões implica na aplicação do regulamento disciplinar da unidade. O processo de controle do corpo e do tempo da adolescente se completa com a imposição de atividades diversas durante o dia e a noite, com horários fixados e rigidamente cumpridos.

O estudo da história do Centro de Reeducação Social São Jerônimo e de seu funcionamento nos possibilitou conhecer, mesmo que parcialmente, o universo moral e social das adolescentes infratoras, seus valores e medos que refletem a violência por elas praticada e vivenciada, fora e dentro da unidade socioeducativa. A pesquisa realizada nos possibilitou observar que o uso indiscriminado da violência, a ausência de mecanismos de sociabilidade e do diálogo como instrumento de negociação tem levado a ocorrência de ações arbitrárias e criminosas capazes de romper com o humano e valorizar a violência como instrumento de poder, dominação e exclusão. O estudo sobre a realidade observada constatou a progressiva

diminuição da capacidade do Estado em prover a sociedade de segurança e paz social. Nessa conjuntura, as ruas da capital mineira têm se apresentado como laboratórios de manifestação da barbárie, onde a sociedade civil, desestruturada e amedrontada, passa a buscar recursos próprios para prover a sua segurança, ficando a mercê do arbítrio das organizações criminosas e das manifestações cotidianas de violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah. Da violência. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARENDR, Hannah. Entre o passado e o futuro. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Desigualdade e Pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. Revista de Ciências Sociais. V. 15, n. 42, p. 123- 142, fev. 2000.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BEATO FILHO, Cláudio et al. Conglomerados de Homicídios e o Tráfico de Drogas em Belo Horizonte de 1995 a 1999. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, n. 17, v. 5, p. 1163-1171, set./out. 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n5/6324.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BEATO FILHO, Cláudio. Crime e Políticas sociais na América Latina. In: Centro de Criminologia e Segurança Pública (CRISP). Belo Horizonte, UFMG, ano 0, n. 1, p. 1-9, dezembro, 2001. Disponível em: < <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/60/CRIME%20E%20POLITICAS%20SOCIAIS.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BEATO FILHO, Cláudio. Determinantes da criminalidade em Minas Geais. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 13, n. 37, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n37/37Beato.pdf>. Acesso em 14 jul. 2017.

BEATO FILHO, C; ASSUNÇÃO, R; SANTOS, M. C. Análise da evolução temporal da criminalidade violenta em Minas Gerais (1986-1997). São Paulo, 1997. Mimeo.

BEATO, Cláudio C; REIS, Ilka Afonso. Desigualdade, Desenvolvimento sócioeconômico e crime. In: HENRIQUES, Ricardo (Org.). Desigualdade e Pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. p. 385- 403.

BOSCHI, Renato Raul (Org.). Violência e cidade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

CASTRO, Mônica Silva Monteiro de; ASSUNÇÃO, Renato Martins; DURANTE, Marcelo Ottoni. Homicídios em Minas Gerais: sistema de interpretação de mortalidade da saúde ou sistema de informações da Polícia Militar? Centro de Criminologia e Segurança Pública (CRISP). Belo Horizonte, UFMG, ano 0, n. 3, p. 9-12, setembro, 2002.

COHEN, L. E.; FELSON, M. Social Change and Crime Rates Trends: a routine activity approach. In: American Sociological Review, v. 44, 1993.p. 588-608

CUNHA, Maria Clementina Pereira. O Espelho do Mundo. Juquery: a História de um Asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DIMENSTEIN, Giberto. O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

DIÓGENES, Glória. Cartografias da Cultura e da Violência. Gangues, galeras e movimentos hip hop. São Paulo: Anna Blume Editora, 1998.

DIÓGENES, Glória. Poder e violência. Fortaleza, Edições UFC, 1996.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei 8069-90. Belo Horizonte, 1999.

FAUSTO, Boris. Controle Social e criminalidade em São Paulo: um apanhado geral (1890-1924). In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). Crime, Violência e poder. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir. História da violência nas prisões*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALVÃO, Izabel. *Manifestações e Perspectivas: a visão dos jovens sobre a violência*. In: WESTPHAL, Márcia Faria (Org.). *Violência e Criança*. São Paulo: Edusp, 2002. p.283- 294.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 1997. P. 23.

MATOS, Olgária. *Vestígios: escritos de filosofia e crítica social*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

PAIXÃO, Antônio Luis. *Recuperar ou punir? como o Estado trata o criminoso*. São Paulo: Cortez, 1987

PAIXÃO, A.L.; BEATO FILHO, C. Crimes, vítimas e policiais. *Tempo Social*. São Paulo, v.9, n.1, p. 233-248, maio 1997.

PAIXÃO, Antônio Luis. Crimes e Criminosos em Belo Horizonte: uma exploração inicial das estatísticas oficiais de criminalidade. In: BOSCHI, Renato Raul (Org.). *Violência e cidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 75-98.

PAIXÃO, Antônio Luiz. Crimes e criminosos em Belo Horizonte, 1932-1978. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 11-44.

PAIXÃO, Antônio Luiz; ANDRADE, Luciana Teixeira de. Crime e Segurança pública. In: DULCI, Otávio Soares; NEVES, Magda de Almeida. *Belo Horizonte: Poder, Política e Movimentos Sociais*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996. p. 107-123.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao bar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite dos. Raízes da Violência na Criança e Danos Psíquicos. In: WESTPHAL, Márcia Faria (Org.). Violência e Criança. São Paulo: Edusp, 2002. p. 189- 204.

SOARES, Luiz Eduardo. Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. Linguagens da Violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 23-46.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. Tempo Social: Revista de sociologia da USP, São Paulo, 1993 (editado em novembro de 1994), 5(1-2), p.161-178.

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.

WAISELFISZ, Jacob. Mapa da Violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO/CEBELA, 2016. Disponível em:<
http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf> . Acesso em 13 jul. 2017.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo: as classes populares urbanas e a lógica do “ferro” e do fumo. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). Crime, Violência e Poder. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 249-277.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994

ZALUAR, Alba. Da revolta ao crime. 2. ed. São Paulo: Moderna: 1996.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, v.13, n.3, July/Sept. 1999. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300002> . Acesso em: 10 jul. 2017.

Trabalho enviado em 31 de julho de 2017

Aceito em 11 de dezembro de 2017